

Passa a Régua!

Por sergioraposo em 11 de setembro de 2013

Considerado um dos maiores poetas brasileiros da atualidade, Manoel de Barros tem um frase muito bonita a respeito da sua terra: “No Pantanal não se pode passar a régua. A régua é existidura de limites e o Pantanal não tem limites”. Para quem conhece esse nosso bioma, difícil discordar. Todavia, pelo menos no que diz respeito às pastagens, sou obrigado a contrariá-lo: passar a régua pode ser um grande avanço para os pecuaristas brasileiros que usem forragens cultivadas, pantaneiros ou não.

Para se entender a importância do invento, tão simples quanto genial que queremos apresentar, precisamos falar um pouquinho sobre a vida e morte das gramíneas tropicais.

Vamos imaginar apenas uma dessas plantas, logo após um pastejo intenso, do qual ela saiu só com um restinho de folha. Seguindo seu destino de capim, ele deve rebrotar e, com o tempo, voltar a ter folhas expandidas para um novo pastejo.

Com qualquer processo biológico envolvendo crescimento, há necessidade de energia. Como ela tem pouca folha para gerar energia a partir da luz solar (fotossíntese), ela precisaria de uma reserva para fornecer essa energia para rebrota. As forrageiras de clima frio, em geral, têm boas reservas de açúcares nas raízes, o que garantem vigor na rebrota, mesmo que tenham sido intensamente desfolhadas.

Nossa pobre gramínea tropical, infelizmente, tem poucas reservas e, portanto, em função da pouca área para captar luz, a energia gerada é insuficiente para uma boa rebrota. Neste ponto, a situação piora bastante porque, no desespero da situação, a rebrota se faz também às custas de perder raízes, o que, como veremos, não é nada bom!

Tendo pouca energia, conseqüentemente a rebrota e o crescimento das folhas são lentos, retardando o sombreamento dos espaços entre as gramíneas cultivadas e facilitando o surgimento das plantas invasoras.

Desde que haja chuva, nutrientes do solo, gás carbônico e mais a luz e o calor do sol, ela vai crescer. Contudo, como parte de suas raízes tinha virado energia na rebrota, o sistema radicular está reduzido. Isso implica em menor capacidade de absorver nutrientes e água. Resultado: a planta cresce menos e é menos tolerante à falta d'água.

Como a vida segue, chega um dia que a boca dos bois a

reencontram. Se for com a mesma intensidade, ela fica da baixa altura anterior para menos, fechando o esse primeiro ciclo e iniciando o seguinte. Novamente, precisando da contribuição energética patrocinada pelas raízes, lá vai ela seguindo sua triste sina. Assim, vai ficando a cada ciclo com menos raiz, demorando mais para crescer, perdendo a competição para as invasoras, produzindo menos e levando o produtor ao prejuízo.

O diagnóstico para essa situação é o de super-pastejo, que significa que há animais demais na área. O final da história é um pasto degradado, sem condições de sustentar uma produção minimamente aceitável.

Essa situação se repete de norte a sul do Brasil, tanto que mais da metade das pastagens no país tem algum grau de degradação.

Como fazer para evitar isso? Relativamente simples!

Se a gramínea tropical precisa manter um mínimo de folhas para produzir energia suficiente para uma boa rebrota, basta fazer com que esse tanto de folhas seja preservado no pastejo.

Basicamente isso se faz com ajuste de lotação, ou seja, reduzindo o número de animais na pastagem ou a retirando-os da área. Apesar de ser uma decisão aparentemente simples, o operacional no campo nem sempre é tão fácil, pois significa gerir o número de animais que devem pastar cada área de pastagem ao longo do tempo.

Ainda que haja um padrão de clima bem definido, com período das águas e período das secas, a variação ano a ano é sempre um desafio, para o qual a única resposta é um bom planejamento. Este deve incluir alternativas para surpresas desagradáveis (como o atraso do retorno das chuvas ou ocorrência de fogo ou geadas).

Além de garantir essa quantidade mínima de forragem para uma boa rebrota, deve-se manejar o pasto também para não passar de uma determinada altura máxima. Isso é importante, pois quando ele cresce muito, as próprias folhas da planta começam a fazer sombra a si mesma, reduzindo a eficiência de crescimento. Há também perda de qualidade (redução relação folha: haste), redução na eficiência de pastejo e aumento da proporção de material morto.

Aqui, finalmente, chega o momento de desvendar o mistério do prodigioso invento: é a régua de manejo lançada pela Embrapa Gado de Corte ano passado. O grande mérito dela é servir como uma referência de fácil uso para as alturas máximas e mínimas indicadas para pastejo dos principais capins utilizados no Brasil.

Maiores informações sobre ela e em que altura os capins devem ser manejados podem ser obtidas em cnpgc.sac@embrapa.br ou diretamente no endereço: <http://www.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/folderusodaregua.pdf>.

É interessante como algo tão simples como uma régua pode conter tanta tecnologia embarcada, afinal a definição destas alturas é fruto de muita pesquisa e suor dos dedicados colegas das pastagens. A ajuda desta régua no correto manejo certamente ajudará a ter pastagens: 1) que rebrotam mais rápido; 2) mais aptas a competir com invasoras; 3) mais tolerantes a falta d'água; 4) menos sujeitas à erosão; 5) mais longevas e, por fim, 6) mais lucrativas.

Evidentemente, a régua de manejo é apenas uma ferramenta e não faz milagres e o crescimento da forragem depende de não haver limitação dos fatores de crescimento. A reposição de nutrientes ao solo, por exemplo, por meio da adubação é muito importante, mas isso é uma assunto para uma outra semana.”

Agradecimentos aos colegas Dra. Denise Baptaglin Montagner e Dr. José Alexandre Agiova pelas correções e pelos valiosos comentários